

**A MOEDA, A CRUZ E A ESPADA: AS CIDADES DE BIRKA E SIGTUNA E O  
PROCESSO DE UNIFICAÇÃO DA SUÉCIA MEDIEVAL**

**THE COIN, THE CROSS AND THE SWORD: THE CITIES OF BIRKA AND  
SIGTUNA AND THE UNIFICATION PROCESS OF MEDIEVAL SWEDEN**

Vítor Bianconi Menini<sup>1</sup>

**Resumo:** De forma introdutória, o artigo discute a situação da Suécia entre os anos 800 e 1500 d.C. Nesse contexto, o crescimento do comércio e os contatos com a Europa e o Oriente próximo impulsionaram uma urbanização incipiente na região. Nesse sentido, é possível estabelecer uma relação entre a fundação de cidades na Suécia Medieval e o processo de formação do reino local. Analisaremos três casos: Birka – a primeira delas –, mas também Velha Uppsala e Sigtuna. Desse modo, foi possível concluir que a formação do reino sueco foi gradual e fragmentada, resultado de processos complexos que incluíram o estabelecimento do Cristianismo e o desenvolvimento de instituições políticas. O Cristianismo influenciou a estrutura de poder na Suécia, fortalecendo o rei e alterando a organização urbana com igrejas e castelos. A competição entre Dinamarca, Noruega e Suécia moldou as monarquias locais. No século XIII, a Suécia já cristianizada, formalizou a eleição de reis e estabeleceu impostos e conselhos reais permanentes, separando clero e aristocracia como classes distintas. A cidade, portanto, emergiu como o centro político e cultural da Suécia medieval. Ao mesmo tempo, a expansão sueca foi marcada por cruzadas cristãs contra “pagãos” na região Báltica, impulsionada pela Igreja, que também facilitou a incorporação da Finlândia e da Norlândia ao reino sueco.

**Palavras-chave:** Suécia Medieval, Urbanização, Formação da monarquia.

**Abstract:** As an introduction, the article discusses the situation in Sweden between 800 and 1500 AD. In this context, the growth of trade and contacts with Europe and the Near East spurred early urbanization in the region. Thus, a connection can be drawn between the founding of cities in medieval Sweden and the process of forming the local kingdom. We will analyze three cases: Birka – the first of these cities – as well as Old Uppsala and Sigtuna. It was thus possible to conclude that the formation of the Swedish kingdom was gradual and fragmented, resulting from complex processes that included the establishment of Christianity and the development of political institutions. Christianity influenced the power structure in Sweden, strengthening the king and changing urban organization with churches and castles. The competition among Denmark, Norway, and Sweden shaped the local monarchies. By the 13th century, a now Christianized Sweden had formalized the election of kings and established

---

<sup>1</sup> Historiador, mestre em História pela Universidade Estadual de Campinas e doutorando na mesma instituição. Integrante do NEVE (Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos) e *Modernitas* (Núcleo de Estudos em História Moderna). E-mail: [meninivitor@gmail.com](mailto:meninivitor@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6559-4204>.

taxes and permanent royal councils, distinguishing the clergy and aristocracy as distinct classes. The city, therefore, emerged as the political and cultural center of medieval Sweden. At the same time, Swedish expansion was marked by Christian crusades against "pagans" in the Baltic region, which also facilitated the incorporation (colonization) of Finland and Norrland into the Swedish dominance.

**Key-words:** Medieval Sweden, Urbanization, State formation

### Introdução

Muito se escreveu e discutiu sobre o conceito de *viking* e seu enquadramento temporal. Em uma tentativa de melhor classificar os diversos achados em territórios nórdicos, autores apontam cronologias aproximadas que flutuam entre os anos 750 e 1050 d.C. Para esse artigo, considera-se o período da conversão ao Cristianismo (c. 1300 d.C.) que tem relação direta com o estabelecimento dos reinos – de certa forma autônomos – da Dinamarca, Noruega e Suécia. É durante esse período que a Escandinávia vivencia o crescimento do comércio e contato com a Europa e Oriente próximo que implicou em um pequeno grau de urbanização daqueles territórios<sup>2</sup>.

A definição de *cidade* medieval proposta por Blockmans e Hoppenbrouwers (2012: 343) é, para nós, incompleta, pois não considera o elemento arqueológico que é fundamental para o estudo de Escandinávia Medieval, uma vez que a documentação escrita é muito escassa e pouco esclarecedora. Assim, seguindo os passos de Dagfinn Skre (2007), entenderemos *cidade* como um centro especializado em comércio instalado de forma permanente (que possui diferentes edificações e é maior – em espaço – que outros núcleos da região), onde os habitantes empregavam-se de trabalhos como a troca (comércio) e artesanatos.

Além das fontes arqueológicas, as fontes escritas existentes são importantes para o desenvolvimento do trabalho. Temos dois tipos de fontes: o primeiro conjunto são as Sagas Islandesas, “uma narrativa literária que foi passada oralmente pelas linhagens familiares da sociedade escandinava medieval” (OLIVEIRA, 2015: 28), sendo que sua escrita se deve a uma

---

<sup>2</sup> Nesse sentido, é interessante notar que a cronologia que fundamenta a noção de “Idade Média”, na Escandinávia, difere dos marcos da tradição francófona. Numa periodização mais tradicional (ver Sawyer e Sawyer), podemos assinalar o período medieval nórdico entre ca. 800 - ca. 1500. Neste artigo, partiremos dessa cronologia para discutir os centros urbanos na Suécia e sua relação com a política medieval.

cooperação única entre o clero e os chefes seculares islandeses. O receio que temos com esse compilado de textos é justamente seu contexto de produção: no século XIII, a Escandinávia já se encontrava cristianizada, o que significa que precisamos ter parcimônia ao ler tais relatos, uma vez que as lentes que enxergam e contam histórias de um período anterior estão embaçadas pelos valores cristãos medievais. Assim, essa documentação:

[funciona] como instrumento da consolidação da religião através de uma fixação da alteração de elementos ocorridos durante os contatos com os “pagãos”, assim como apresentar outros elementos e caracteres estéticos que permitissem sua penetração nos indivíduos, deixando que suas leituras fossem aceitas e suas produções estimuladas, influenciando uma criação/fortalecimento de um âmbito de cultura escrita na Escandinávia (FERNANDES; OLIVEIRA, 2016: 40).

Devemos ter cuidado parecido com os relatos sobre a Escandinávia como os de Adão de Bremen, a Hagiografia de Santo Ansgário – escrita por Rimberto de Hamburgo – e os textos de Saxo Grammatico, especialmente por conta de suas lentes cristãs. No caso dos monges de Bremen e Hamburgo, há, ainda, a questão da perspectiva estrangeira.

### **Arenas políticas, arenas urbanas: o caso de Birka e Sigtuna**

Da primeira onda de desenvolvimento urbano escandinavo (c. 700 – 800 A.D.), a mais antiga, e única em território da atual Suécia, foi Birka<sup>3</sup>. Estabelecida a 30 quilômetros a oeste de Estocolmo, próxima ao lago Mälaren, na região da “terra preta” – uma das mais férteis de toda Suécia – a cidade foi de vital importância para o controle e expansão das trocas. Vale lembrar que sua localização é estratégica, uma vez que está voltada para o Báltico. Assim, mercadores frísios, anglo-saxões, eslavos, árabes e bizantinos circulavam pela região oferecendo cerâmicas, sal, mel, pedra-sabão e outros produtos (AMBROSIANI, 2003: 98-99). Birka, por sua vez, tinha como principal produto de exportação peles provenientes da *Norlândia* (norte da atual Suécia) negociadas pela aristocracia local com os caçadores da região. Trocadas por outros gêneros (como grãos, ceras, gorduras e artefatos) ou recolhidas como

---

<sup>3</sup> A cidade mais antiga que se tem notícia, em panorama nórdico, é Ribe. Há indícios de cunhagem de moedas desde a primeira metade do século VIII d.C. e sua primeira diocese foi fundada ainda no século X d.C. Ver: Feveile, Claus (2008).

impostos<sup>4</sup>, as peles eram processadas na cidade e vendidas ou entregues para chefes locais como presentes.

A fama das peles era tanta que Ricardo I da Inglaterra estava disposto a comprar quatro peles zibelinas pelo mesmo preço de oitenta e seis bois (SAWYER; SAYER, 1993: 154). Birka localizava-se em um nó comercial tão importante e rico do Báltico – entre Hedeby (Dinamarca), o continente europeu ocidental e a Carélia (Rússia), Finlândia e o Golfo da Bótnia – que existem relatos de ataques de piratas na região, o que aumentou a necessidade de proteção e possibilitou a intervenção do rei dinamarquês em controlar a costa.

A região compõe um dos sítios arqueológicos mais ricos de toda a Era Viking e as escavações são datadas de 1870. Em 1993, todo o complexo de Birka e a mansão real de Alsnöhus foram adicionados à lista de patrimônio da UNESCO (AMBROSIANI, 2003: 96). A área total equivale a seis hectares e a principal edificação, segundo as escavações, era o porto. As ruas do assentamento foram construídas em paralelo ou em ângulo reto em relação ao litoral. Dividida em aproximadamente 100 lotes, a cidade contava ainda com uma paliçada e linhas de defesa (SKRE, 2003: 89) construídas apenas na metade do século X d.C.

Uma característica interessante do sítio de Birka são seus enterramentos e conteúdos que refletem as relações sociais da população local. Há diversos casos de homens e mulheres enterrados completamente vestidos e munidos de joias, armas e ferramentas, além de diversos objetos importados (AMRBOSIANI, 2003: 97). Assim, Birka é basilar para compreendermos os contatos dos nórdicos com a Europa e Oriente próximo, além de nos ajudar na construção de uma imagem mais realista, complexa e precisa dos habitantes daquela região.

O declínio e abandono de Birka, por volta de 975 d.C. ainda é alvo de muitos debates. Dagfinn Skre, por exemplo, coloca que a explicação do abandono por “causas geográficas”, a elevação da terra em relação ao mar, não parece ser suficiente enquanto explicação. É preciso considerar o processo de disputa por poder político que chamamos de “unificação”, pois é durante a Era Viking e início da Idade Média que formas mais complexas de poder surgem na Escandinávia (SKRE, 2003; BAGGE, 2014; SAWYER e SAWYER, 1993; HOLMAN: 2003):

---

<sup>4</sup> Se utilizarmos as Crônicas de Ottar como referência, vemos que desde o século XI d.C. os sámi, habitantes da *Norlândia*, pagam tributos aos noruegueses. No final da Idade Média, os suecos e russos também recolhiam seus dividendos daquela população.



Sigtuna é construída com o objetivo de substituir, do ponto de vista político-administrativo, Birka. Já a ponte econômica promovida pelo Báltico é capitaneada pelos assentamentos de Gotland.

A sobredita Sigtuna foi fundada no século X, (c. 975 d.C.) ainda no período “pagão” por Érico, o Vitorioso. No capítulo cinco da Ynglinga saga encontra-se a passagem:

Odin criou residência no lago Mälaren, no local agora chamado de Velha Sigtuna. Lá ergueu um grande templo, onde havia sacrifícios de acordo com os costumes do povo de Asgard. Ele se apropriou de todo esse distrito e chamou-o de Sigtuna. Permitiu aos sacerdotes do templo domínios<sup>5</sup>.

Pelas escavações arqueológicas, sabemos que Sigtuna funcionava como um centro de comércio doméstico e era uma arena de encontro das elites e realeza. A cidade foi também a sede da primeira cunhagem sueca e onde as primeiras moedas de Olavo Skötkonung foram emitidas (OLOF REX SWEVORUM OCH GODWINE MONETARIUS ON SIHTUNUM). A mansão real de *Forsnsigtuna*, mencionada no trecho anterior como *Velha Sigtuna*, próxima à cidade de Sigtuna foi sede da realeza peripatética no período.

No século XII, fora entregue a um bispo católico e, até o século XVII, foi mantida como propriedade do Estado sueco. Diversas igrejas como as de Santa Gertrudes, São Nicolau, São Olavo e São Pedro eram sediadas em Sigtuna, embora não se tenha chegado à conclusão de qual delas era a sé episcopal. Além disso, havia um monastério dominicano e um hospital dedicado a São Jorge.

Já cidade de Velha Uppsala (Su. *Gamla Uppsala*), tornou-se um importante centro da realeza e religioso. Antes da conversão ao Cristianismo, a cidade já possuía funções próximas, visto que, segundo Adão de Bremen, rituais aos deuses Odin, Thor e Frey que incluíam sacrifícios humanos, aconteciam no assentamento a cada nove anos em um templo “pagão”. No entanto, não há evidências arqueológicas de tal edifício. O que se sabe é que Gamla Uppsala, após substituir Sigtuna, era a sede episcopal da igreja católica a partir dos anos 30 do século XII e que a cidade contava também com uma *Thing* (NA. *Ping*).

---

<sup>5</sup> Odin took up his residence at the Maelare lake, at the place now called Old Sigtun. There he erected a large temple, where there were sacrifices according to the customs of the Asaland people. He appropriated to himself the whole of that district and called it Sigtun. To the temple priests he gave also domains

As *Things*, assembleias legais e políticas, eram fundamentais nessa dinâmica, visto que eram nelas que se promovia o encontro entre o rei e seus representantes com as elites locais e a população comum. Nos três casos de unificação, as *Things* aparecem como um ponto central. No entanto, diferente de Dinamarca e Noruega, no caso sueco, as elites locais parecem ter exercido maior influência por mais tempo em graus de poder mais alto<sup>6</sup>. A frágil monarquia sueca, em constante construção, pode ter sido confrontada por oposições provinciais mais fortes do que as dos territórios vizinhos (LINDKVIST, 2003a: 167).

Dos três reinos surgidos no período medieval, o da Suécia é o último a ser efetivado e, também, o mais complexo de ser estudado, visto que a documentação escrita latinizada é escassa. Durante a Idade do Ferro germânica e da Era Viking, havia duas regiões separadas que no século XII transformam-se na região que compreendemos hoje como Suécia: a *Svealândia*, terra dos suíones, que fica ao Norte, na região do lago Mälaren e próximas às atuais Estocolmo e Uppsala. Gotalândia, terra dos godos, fica próxima ao lago Vättern e se encontra ao Sul, em regiões menos remotas da Europa se compararmos com a Svealândia (LINDKVIST, 2003b: 221-222).

A unificação, explicada por uma perspectiva mais tradicional, é entendida como completa quando cada reino possuía um regente reconhecido como a cabeça de cada território “nacional”. Embora tenha sido comandado por forças individuais ou militares, esse processo é mais complexo e só existem referências a administrações centralizadas e instituições políticas nas fontes no final do século XIII. Ou seja, a formação do reino da Suécia deve ser entendida como um processo de desenvolvimento gradual da sobreposição de soberanias, do surgimento de organizações militares formalizadas e do estabelecimento do Cristianismo na região.

O caso do rei Olof Skötkonung (r. 995 – 1022), ou Olavo, o Tesoureiro, nos ajuda a entender esse processo. A ele credita-se a fundação de um reino cristão na Suécia, tendo sido batizado em 1008 em Husaby (LINDKVIST, 2003b: 224). Há evidências numismáticas que o colocam como “rei dos godos e príncipe dos suíones”<sup>7</sup>, portanto, seria o primeiro associado aos dois povos e, conseqüentemente, como rei da Suécia. No entanto, Skötkonung reconhecia

---

<sup>6</sup> No caso específico da Dinamarca, é preciso notar que o processo de unificação política é o primeiro, ocorrendo *antes* da cristianização. Isso atesta, de alguma forma, as diferenças regionais na Escandinávia da Era Viking e início do Medievo.

<sup>7</sup> Ver imagem 1 no anexo.



o rei dinamarquês, Svein Barba-bifurcada como seu senhor em uma relação de sobreposição de soberania. Seu próprio nome “o rei do imposto” ou “Tesoureiro” pode indicar que os suíones pagavam tributos a outros reis. Ele, ainda, teria lutado contra Olavo Tryggvason em Svöld e casado suas filhas, Astrid e Ingigerd, respectivamente com os reis Olavo Haraldsson da Noruega e Jaroslav, o Sábio da Rússia.

Um reino unido, nesse período, no entanto, não significava um poder centralizado. O rei era eleito entre famílias particulares e influentes da região. Logo, disputas pelo poder real eram travadas por pretendentes detentores de apoio regional o que nos ajuda a entender a instabilidade política do reino que, de tempos em tempos, era reorganizado<sup>8</sup>. A figura do conde (do sueco *jarl* e inglês *earl*), autoridade particular, é muito importante para entendermos esse processo, uma vez que, provavelmente, as relações de poder estabelecidas pelo conde são mais importantes do que as do rei (LINDKVIST, 2003b: 225 - 227). O cargo de conde não era hereditário e sua função era exercer o poder real onde o rei não estava sem possuir vínculo territorial com a região. Alguns, ainda, eram associados a atividades marciais e não havia, necessariamente, apenas um deles.

O terceiro vetor importante para o processo de unificação é o Cristianismo, trazido pelas elites locais, e seu estabelecimento na Suécia (DOUGLAS: 2015, 371). A Igreja teria sido, portanto, uma forma de aumentar o poder real, seu prestígio e o controle sobre as pessoas e territórios. Após a cristianização, as formas de demonstração pública de poder também passaram por mudanças que afetaram, também, o panorama urbano local. As igrejas, mosteiros e castelos construídos se tornam símbolos visíveis de que a cidade, agora, possui propósitos maiores (SKRE, 2003: 86).

Sverre Bagge (2014) entende que, além da monopolização de poder que o Cristianismo<sup>9</sup> proporciona na região, a competição entre Dinamarca, Noruega e Suécia pelos centros de poder locais são basilares para as formações das respectivas monarquias. O melhor exemplo disso é o imposto naval *leðung*, essencial em um contexto em que as expansões e conquistas

---

<sup>8</sup> Tanto do ponto de vista político quanto geográfico. Se pensarmos no geográfico, vale lembrar que as fronteiras atuais são diferentes das que existiam na Era Viking. Por exemplo, a província da Escânia fazia parte da Dinamarca no período. Hoje é sueca.

<sup>9</sup> O casal Sawyer aponta que muitas das séis episcopais instaladas na Escandinávia durante a Idade Média foram fundadas por razões estratégicas, *i.e.* para marcar território e fronteiras. In: SAWYER, B; SAWYER, P. *Medieval Scandinavia*, Minneapolis: University of Minnesota Press, 2013, p. 153.

eram feitas pelo mar (BAGGE, 2014: 37), que tinha sua origem na capacidade das elites locais em reunir uma comitiva e que passou a ser controlada pelo rei como um dever fiscal no século XIII d.C. (LINDKVIST, 2003b: 670).

Assim, concluímos que o fenômeno da urbanização na Suécia medieval é resultado do aumento pela demanda dos produtos escandinavos e das trocas interregionais. Além disso, o desenvolvimento de meios de pagamentos (moedas emitidas *in loco*) nas cidades, durante as últimas décadas da Era Viking, e a conversão ao Cristianismo são concomitantes ao processo de formação dos reinos escandinavos, uma vez que as dinâmicas sociais da região passam a depender mais de leis e instituições (mais ou menos) concretas do que da personalidade dos chefes locais (SKRE, 2003: 84; LINDKVIST, 2003b: 668).

No capítulo 76 da Saga de Santo Olavo lê-se:

Na Suécia era um antigo costume, enquanto o paganismo prevalecia, que o maior sacrifício fosse feito durante o *Disáblót*<sup>10</sup> em Uppsala. O sacrifício era oferecido para a paz e vitória ao rei e pessoas de todas as partes da Suécia vinham participar. Todas as *Things* dos suecos também eram sediadas ali, assim como mercados e encontros para comprar que continuavam por uma semana. Após a introdução do Cristianismo na Suécia, as *Things* e feiras continuaram a acontecer como antes<sup>11</sup>.

É interessante notar que se ressalta a coexistência de mercados e assembleias políticas tanto na Uppsala pagã quanto na cristã. Muitos arqueólogos e historiadores se questionaram sobre os motivos dessa conexão e, dentro deles, podemos ressaltar três nomes: Frans Theuws propõe (2004) que essa conexão entre comércio, política e religião é o que dá valor ao dinheiro e aos produtos que ali circulavam. Já Lotte Hedeager (2011), entende que a trocas e relações existentes são, na verdade, uma reconstrução da unidade cosmológica. Daniel Skre, o terceiro da lista, tem uma visão diferente dos anteriores. O arqueólogo versa sobre o elemento econômico (prático) dessa relação. Existe um caráter de risco para que as transações sejam

---

<sup>10</sup> Período festivo religioso pré-cristão que ocorria após a primeira lua cheia durante o solstício de inverno.

<sup>11</sup> Tradução de: "In Svithjod it was the old custom, as long as heathenism prevailed, that the chief sacrifice took place in Goe month at Upsala. Then sacrifice was offered for peace, and victory to the king; and thither came people from all parts of Svithjod. All the Things of the Swedes, also, were held there, and markets, and meetings for buying, which continued for a week: and after Christianity was introduced into Svithjod, the Things and fairs were held there as before".



efetuadas: não existem garantias de que as trocas serão justas e pacíficas. Assim, para que o caráter de risco seja reduzido, as transações comerciais devem ser socialmente incorporadas: sem confiança, o comércio não pode ocorrer (SKRE, 2007: 85-86). Portanto, aquele espaço (assembleia-mercado) é visto como o local seguro – e protegido pelos monarcas e chefes locais – e de confiança para que as transações ocorram.

Outros dois exemplos seriam as próprias emissões monetárias<sup>12</sup> que passam a configurar como o principal meio de troca na Suécia a partir do século XIII d.C. e o estabelecimento da Bjarkøyrett – ou leis de Birka<sup>13</sup> – que, a partir do século XII d.C., era um conjunto de legislações para a cidade homônima e suas atividades comerciais adaptadas para funcionar, também, em outros assentamentos.

Por volta do ano 1100 d.C., o território hoje conhecido como Suécia contava com três cidades: Lödöse e Skara, na Gotalândia, e Sigtuna na Svealândia. Esses três núcleos abrigavam igrejas, residências reais, centros de cunhagem e os agentes da realeza responsáveis por supervisionar as assembleias e coletar os impostos dos locais. Ou seja, as cidades ali estabelecidas – como no continente europeu – eram importantes arenas para o desenvolvimento das dinâmicas políticas, sociais, econômicas e religiosas (SKRE, 2003: 93). Emprestando as palavras de Anders Adrén (1989: 588), as cidades abrigavam o comércio local e interregional e eram as bases de operações tanto da igreja quanto das realezas locais que se estabeleceram a partir do século XI d.C. No final do século XIII e início do XIV, formalizou-se a eleição do rei na Suécia, uma espécie de “semente polissinodal” visto que a influência de uma elite política, dos bispos e dos *långman* – homens da lei – era grande e a autoridade do rei, restrita (LINDKVIST, 2003b: 672).

### **Cidade e floresta: Nórdicos e fínicos; cristãos e “pagãos”**

Em algumas sagas islandesas, os noruegueses que visitavam *Jotunheim* viajam para o Norte. Noções de perigo, frio extremo, fome e longa escuridão invernal são associadas, nesses

---

<sup>12</sup> As emissões eram vinculadas ao rei que, anteriormente, possuía como única forma de garantir a paz o uso da violência. Com a introdução de cunhagens locais, o rei tem seu poder de aumentado para a esfera econômica.

<sup>13</sup> As “leis de Birka” encontram-se incompletas e a maior parte é conhecida por meio da hagiografia – já citada – de Santo Ansgário.

relatos nórdicos, ao Norte. Esse ponto geográfico mítico é, também, o lar dos *sámi* e *fínicos* – vistos pelos nórdicos (e tratados nas sagas) como diferentes<sup>14</sup>. No entanto, entre esses povos que habitavam a Fenoescândia havia simbiose cultural pautada no comércio, mas também em atritos (principalmente saques) e intercâmbios religiosos (DUBOIS, 2009).

Podemos datar a chegada dos povos fino-urálicos na Escandinávia em 3.300 a.C. e com a chegada dos povos indo-europeus, por volta de 2.700 a.C., formou-se a cultura Kiukainen. A partir de 2.000 a.C. pode-se falar em etnogênese balto-fínica: quando há a separação entre os povos proto-fínicos, situados na costa, que se dedicavam a atividade agropastoril e os povos proto-Sámi, situados no interior do continente, dedicados a caça e coleta. É importante ressaltar que, mesmo após a divisão, esses povos se desenvolveram de forma paralela. Dessa forma, existiam afinidades, tanto linguísticas quanto econômicas, entre os *sámi* e balto-fínicos uma vez que bens, pessoas e tradições religiosas circulavam entre essas diferentes culturas por meio do comércio e troca de diferentes ganhos (Hansen & Olsen: 2014; Broadbent: 2010; Ojala: 2009; Lehtola: 2004).

Em textos medievais já influenciados pelo Cristianismo, como as sagas, essa assimilação entre *sámi* e *fínicos* é um dos pontos centrais para entendermos o uso do termo (impreciso) *finnar* para designar ambos. Conforme Thomas DuBois (2009: 13), a noção medieval existente sobre os povos “não-germânicos” estava calcada em um entendimento de que eram entidades étnicas unificadas que haviam migrado em massa para as margens da civilização escandinava como intrusos, onde seriam cerceados pelo poderio militar dos nórdicos e eventual domínio cristão.

Esses contatos, pacíficos ou não, influenciaram diretamente na maneira com que se produziu a imagem dos *sámi* e *fínicos* nas sagas. A coleta de impostos, parte das relações entre os *sámi* e noruegueses, que ocorria no inverno, é datada do século I d.C. O comércio pode ser remontado ao século III d.C. e o Norte e seus habitantes aparecem como potenciais vítimas aos saques nórdicos, já que não prestariam devida resistência. É interessante notar, também, que os nórdicos competiam com os *fínicos* pelo acesso às peles e produtos provenientes da região

---

<sup>14</sup> Em português, há um resumo do debate sobre os *sámi* como “outro”. Ver: MENINI, Vitor Bianconi. *Laponia: A descrição dos povos *sámi* e o projeto imperial sueco na obra de Johannes Schefferus (1648 – 1673)*. Jundiaí: Paco Editorial, 2022, em especial, pp. 47 - 72.

sámi já que para os nórdicos, esses produtos eram importantes, pois poderiam fazer parte do plantel de bens a serem enviados para a Inglaterra e trocados por mel, trigo e tecidos. Vale notar que esse sistema de trocas só funciona, pois ambos se beneficiavam da transferência do excedente produzido e recepção de produtos considerados valiosos.

A questão sazonal é importante para discutir o contato entre nórdicos e *finnar* e parte dos arqueólogos associa o uso de estradas ao período invernal. Nas sagas existem algumas menções a caravanas de nórdicos, que se dirigem ao Norte durante o inverno como Haroldo cabelos belos e a comitiva de dezenove homens de Thorolf. A estrada de Adamvalldá, região sueca situada no vale Arjeplog, na divisa com a Noruega, é um exemplo de elo entre os assentamentos sámi aos nórdicos. Estudiosos argumentam que a estrada não teria sido construída pelo e para os povos locais, mas por nórdicos que desejavam estabelecer contato com a região ártica e seus habitantes (BERGMAN, 2007).

Escavações e mapeamentos da região apontam que o caminho era marcado por pedras para facilitar o reconhecimento, já que viajar pelas montanhas, durante o inverno do norte da Escandinávia não era (nem é) tarefa simples. Argumenta-se ainda que esse tipo de empreitada – organizar uma estrada que pudesse ser usada e bem demarcada – seria a demarcação política de grupos interessados em seu uso e que para cumpri-la, seria necessário um tipo de organização social mais eficiente, ausente nas comunidades sámi. Portanto, é plausível que instituições como a Igreja e os reinos da Suécia e Noruega teriam planejado, financiado e construído a estrada.

Já vimos que os povos sámi e fínicos tinham relações entre si e com os povos nórdicos, mas de qual forma os primeiros eram vistos pelos últimos? Embora componham tipos diferentes de texto, as sagas trazem informações interessantes sobre os sámi (e fínicos) pela óptica nórdica. É claro que essas descrições não podem ser tomadas como verdadeiras, pois há uma clara separação entre os nórdicos e outros povos – especialmente os *finnar* – que não deixa de ser uma forma de incorporar no outro o que é temido ou indesejável, tornando-o patológico. Sendo assim, esses relatos são interessantes para pensarmos as relações de poder entre os diferentes grupos que circulavam pela região.

A má reputação do Norte, enquanto espaço incompatível para sustentar a vida parece ser o ponto central que associa a malícia aos *finnar*: a concepção de que a qualidade do espaço afeta as pessoas soma-se a ideia de um povo não civilizado, conectados com a terra e dotados

de habilidades mágicas e idolatrias pagãs. Em oposição aos nórdicos, o arquétipo *finnar* aparece como negativo em diversas sagas com algumas modificações.

A única habilidade que aparece associada aos *finns* é, também, dada à condição das terras do Norte: esqui. Na *Gesta Danorum* o nome *skritfinns* (“esquiadores fínicos”) é usado para descrever aquele povo, enquanto na *Griðamál*, o termo que aparece é *finnr skriðr*. Na Saga de Santo Olavo, capítulo 83, há uma breve descrição do “pequeno Fin”:

Havia um homem do planalto chamado Fin, o Pequeno e alguns dizem que era da raça finlandesa. Era um homem pequeno singular, tão ágil com os pés que nenhum cavalo o venceria. Era, também, um arqueiro e corredor com raquetes de neve<sup>15</sup> bem treinado<sup>16</sup>.

Fora isso, os *finnar* são retratados como usuários de roupas feitas de pele animal, habitantes de tendas e que tinham predileção por manteigas e gorduras animais – produtos trocados com os germânicos da região dada sua indisponibilidade nas terras setentrionais.

Dada sua conexão com a terra, os *finnar* nunca são associados com cidades e sim com florestas escuras do norte. Cabe, ainda, uma ressalva sobre os sufixos utilizados em nórdico antigo para descrever a região dos *finnar*. Ao adicionar *mork* (marca) ao prefixo *Finn* temos *Finnmork* (Finamarca) que denota área fronteira e pouco habitada. Se o sufixo usado for *land* (terra), denota-se terra habitada. Essas ressalvas são importantes, pois nos atentam à análise daquele discurso. Jacques Le Goff (1994) nos atentou a essa espécie de dualismo entre cultura *versus* natureza exprimida pelo construído/habitado/cultivado (castelo, vila ou cidade) *versus* o selvagem/solidão (o mar e a floresta)<sup>17</sup>. No capítulo 14 da Egils Saga, por exemplo, há uma descrição da Finamarca:

[...] ao norte se encontra a Finamarca, onde há distritos perdidos pouco povoados; alguns em vales, outros próximos a lagos que são enormes e próximos a eles encontra-se extensivas florestas<sup>18</sup>.

---

<sup>15</sup> Calçado para caminhar sobre a neve que distribui o peso corporal para evitar afundamento.

<sup>16</sup> There was a man from the Uplands called Fin the Little, and some said of him that he was of Finnish race. He was a remarkable little man, but so swift of foot that no horse could overtake him. He was a particularly well-exercised runner with snow-shoes, and shooter with the bow.

<sup>17</sup> No mesmo texto, Le Goff sublinha que o selvagem não é aquele que vive *além* da fronteira, mas aquele que vive no seu limite. Ver: GOFF, Jacques Le. O deserto-floresta no Ocidente Medieval. In: GOFF, Jacques Le. *O imaginário Medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994. p. 83-99.

<sup>18</sup> [...] to the north lies Finmark, and there are wide inhabited fell-districts, some in dales, some by lakes. The lakes of Finmark are wonderfully large, and by the lakes there are extensive forests.

O uso do termo Finamarca pode, então, ter sido usado na passagem como forma de respaldar a ideia de uma região pouco povoada, cercada de lagos e florestas que, portanto, seria a residência do outro. Ou seja, os sufixos *mork* ou *land* são usados em situações diferentes a partir da relação que o autor quer estabelecer entre os nórdicos e nortistas.

### Considerações Finais

Assim, enquanto um produto de autoria cristã do século XIII, as sagas enfatizam o caráter estranho e negativo dos povos do Norte, uma vez que considerados como um grupo marginal pelas elites cristãs nórdicas, os *finnar* pertencem ao grupo do *outro*. Tendo em vista o contexto de produção cristã das sagas, classificar os *finnar* como um grupo que vivia entre o mundo conhecido civilizado e a periferia desconhecida é um encaixe perfeito, visto que na dicotômica cosmovisão cristã, não há espaço para os “pagãos”, logo, eles deveriam ser convertidos. Portanto, seria muito simplista resumir o contato entre nórdicos e *finnar* a partir da dicotomia caçador-coletor nômade *versus* nórdico agricultor sedentário, como feita pelas sagas. A relação simbiótica dos povos que circulavam a Fenoescândia nos parece ter variado, por linhas tênues, entre a cooperação, coexistência e violência ocasional – que aumenta à medida que a cristianização dos reinos nórdicos toma espaço – marcada tanto pelas vias positivas (como o comércio) quanto por conflitos e relações desiguais.

O processo de cristianização e de construção de uma monarquia cristã foram as maiores transformações da Suécia no final da Era Viking até o fim do período Medieval. O Cristianismo, e seu vínculo político, possibilitou a “europeização” da região, provocando transformações nas dinâmicas existentes a partir da introdução de perspectivas diferentes e as cidades podem ser vistas como arenas de embates econômicos, sociais e políticos em que essas mudanças se manifestavam. No entanto, a Suécia não pode ser entendida como uma unidade política coerente em que a posição de rei não estivesse fora de possíveis disputas e durante o final do século XI e início do XII, uma série de conflitos civis assolaram os reinos escandinavos.

Entre os séculos XIII e XIV, a eleição de reis torna-se uma cerimônia formal e, a partir daí, a influência da elite política, dos bispos e dos oficiais da lei (*langmän*) emerge e a autoridade do rei, restrita. É do mesmo período a criação de impostos permanentes, a ascensão

do conselho real como um órgão permanente, o aumento do controle sobre pessoas e terras e, também, a separação do clero e aristocracia como grupos privilegiados naquela dinâmica social. Vemos, então, que a cidade se torna a principal arena para o desenrolar dos embates políticos e culturais do reino emergente da Suécia.

Instalados nas franjas da Europa, esses reinos cristãos – principalmente Dinamarca e Suécia – embarcam em uma “era de Cruzadas” contra os habitantes “pagãos” da região Báltica. A Igreja foi importante para o processo de expansão do reino da Suécia tanto a leste quanto a norte: no início do século XIII, a Finlândia passa a englobar de forma gradual à esfera política e eclesiástica da Suécia; assim como a *Norlândia*, que pouco povoada, teve sua incorporação efetiva encabeçada pela Igreja e pela instalação de entrepostos comerciais.

#### Anexo 1



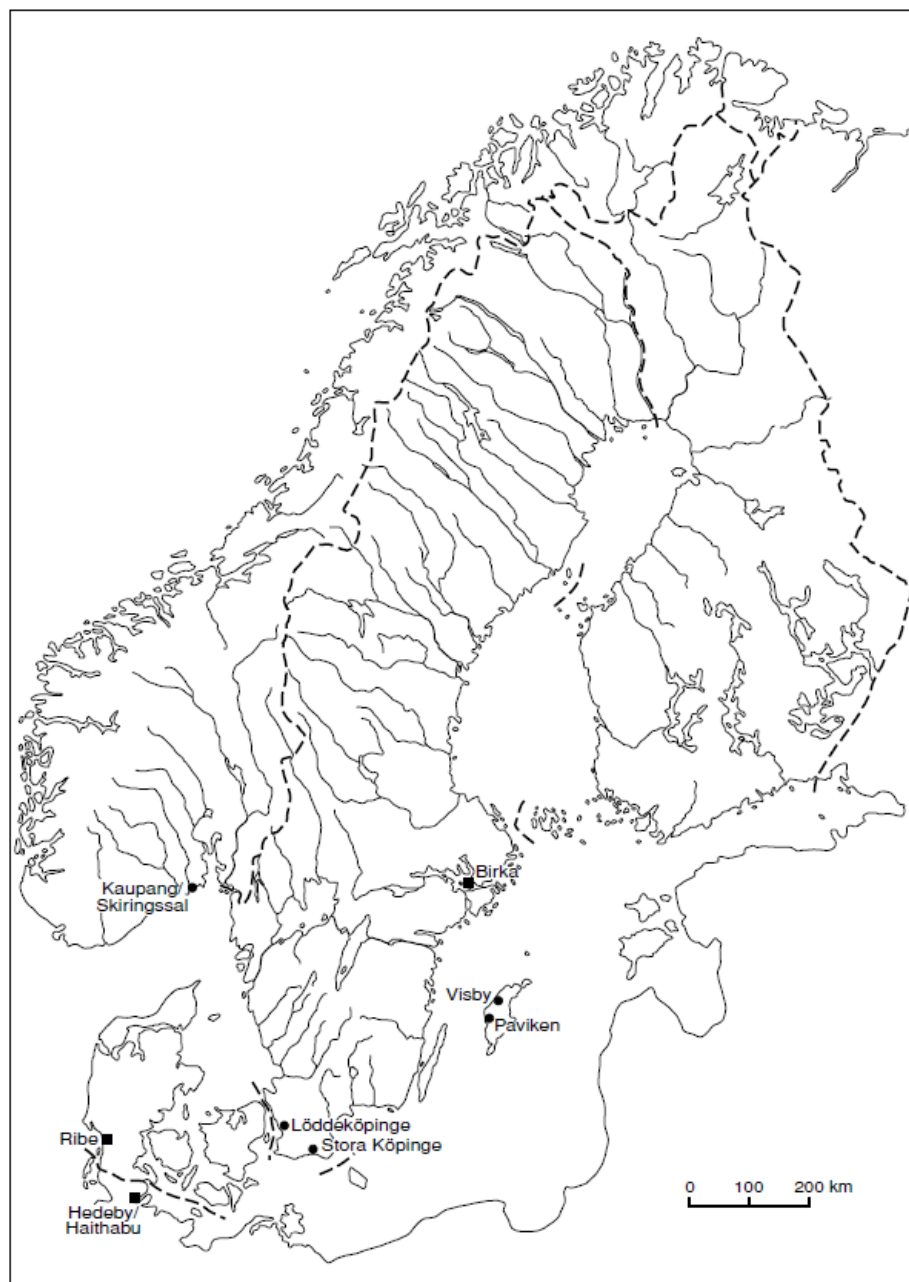
Figura 1: Primeira moeda de Olavo Skötkonung, com a inscrição ‘rei dos godos e príncipe dos suíones’.





Mapa 1. Os povos da Escandinávia e seus nomes a partir das fontes medievais<sup>19</sup>

<sup>19</sup> CHRISTIANSEN, Eric. *The Norsemen in the Viking Age*. Blackwell: Oxford, 2006 [2002], p. 116.



Mapa 2. Os primeiros núcleos urbanos na Escandinávia<sup>20</sup>

<sup>20</sup> In: HELLE, Knut. *The Cambridge History of Scandinavia*. New York: Cambridge University Press, 2003, v. 1, p. 318.



Figura 2. A cidade de Birka reconstruída<sup>21</sup>

## Referências Bibliográficas

### Fontes Primárias

#### Sagas

GREEN, W. C. *The Story of Egil Skallagrimsson*, London: Elliot Stock, 1893. Disponível em: <[http://sagadb.org/egils\\_saga.en](http://sagadb.org/egils_saga.en)>. Acesso em 17/05/2017.

STURLUSON, Snorri. *Heimskringla: The Chronicle of the Kings of Norway*. Disponível em: <[https://www.gutenberg.org/files/598/598-h/598-h.htm#link2H\\_4\\_0316](https://www.gutenberg.org/files/598/598-h/598-h.htm#link2H_4_0316)>. Acesso em: 25/05/2017

#### Numismática

---

<sup>21</sup> Foto de: <https://visitsweden.com/where-to-go/middle-sweden/uppland/birka-viking-heritage-stockholm/>. Atualmente, o local que abrigava a cidade é sede de uma importante ação museológica intitulada “Birka Vikingstaden” (A cidade viking de Birka). Para mais informações: <https://www.birkavikingastaden.se>. Acesso em 02/11/2024.

Moeda do rei Olaf Skötkonung da Suécia. Disponível em:  
<[https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Olaf\\_Scotking\\_\(Olof\\_Sk%C3%B6tkonung\)#/media/File:Silvermynt\\_slaget\\_f%C3%B6r\\_Olof\\_Sk%C3%B6tkonung,\\_Nordisk\\_familjebok.png](https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Olaf_Scotking_(Olof_Sk%C3%B6tkonung)#/media/File:Silvermynt_slaget_f%C3%B6r_Olof_Sk%C3%B6tkonung,_Nordisk_familjebok.png)>. Acesso em 25/06/2017.

*Fontes Historiográficas*

- AALTO, Sirpa. *Categorizing Otherness in the Kings' Sagas*. Joensuu: University of Eastern Finland, 2010.
- AMBROSIANI, Björn. Birka. In: BRINK, Stefan; PRICE, Neil (Ed.). *The Viking World*, New York: Routledge, 2008. p. 94-100.
- AMBROSIANI, Björn; CLARKE, Helen. *Towns in the Viking Age*. Leicester: Leicester University Press, 1994.
- ANDERSSON, Hans. Urbanisation. In: HELLE, Knut (org.). *The Cambridge History of Scandinavia*. New York: CUP, 2003, v. 1, pp. 312 - 342.
- ANDRÉN, Anders. The early town in Scandinavia In: RANDSBORG, Klavs. *The birth of Europe. Archaeology and social development in the first millenium*. Rome: Analecta Romana Instituti Danici. Supplementa, n. 16, 1989, p. 173-177.
- ANDRÉN, Anders. *Det medeltida Gotland: en arkeologisk guidebok* [A cidade medieval de Gotland: um guia arqueológico]. Lund: Svenska Historiska Media Förlag AB, 2011.
- BERGMAN, Ingela et al. Stones in the snow: a Norse fur traders' road into Sámi country. *Antiquity*, [s.l.], v. 81, n. 312, p.397-408, jun. 2007. Cambridge University Press (CUP).
- BROADBENT, Noel D. *Lapps and Labyrinths: Saami Prehistory, Colonization and Cultural Resilience*. Whashington D.C: Arctic Studies Center, National Museum of Natural History, 2010.
- BLOCKMANS, Wim; HOPPENBROUWERS, Peter. *Introdução à Europa Medieval*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- CLARKE, Helen. Cidades, comércio e ofícios. In: GRAHAM-CAMPBELL, James (org.). *Os vikings*. Barcelona: Editora Folio S.A., 2006, pp. 77-88.



- DEANGELO, Jeremy. The North and the Depiction of the "Finnar" in the Icelandic Sagas. *Scandinavian Studies*, Champaign, v. 82, n. 3, p.257-286, 2010. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/25769033>>. Acesso em: 11/05/2017.
- DOUGLAS, Price Theron. *Ancient Scandinavia: An Archaeological History from the first humans to the Vikings*. New York: Oxford University Press, 2015.
- DUBOIS, Thomas. *Nordic Religions in the Viking Age*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1999.
- FERNANDES, José Lucas Cordeiro; de OLIVEIRA, André Araújo. Entre as linhas e sentidos: estética literária e imaginário de Cristianização na Íslendingasögur e Biskupasögur, *Embornal*, v. 7, n. 14, 2016.
- FEVEILE, Claus. "Series X and Coin Circulation in Ribe". In: ABRAMSON, Tony (ed.). *Two Decades of Discovery. Studies in Early Medieval Coinage*. Vol. 1. Cambridge: Boydell Press, 2008, pp. 53-68.
- GOFF, Jacques Le. O deserto-floresta no Ocidente Medieval. In: GOFF, Jacques Le. *O imaginário Medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994. p. 83-99.
- HEDEAGER, Lotte. *Iron Age myth and materiality: an archaeology of Scandinavia AD 400-1000*. London: Routledge, 2011.
- HOLMAN, Katherine. *Historical dictionary of the Vikings*. Lanham, Maryland: The Scarecrow Press Inc., 2003. (Historical Dictionaries of Ancient Civilizations and Historical Eras, no. 11).
- KENT, Neil. *The Sámi Peoples of the North: A Social and Cultural History*. London: Hurst & Company, 2014.
- LEHTOLA, Veli-Pekka. *The Sámi People: Traditions in transition*. Fair Banks: University Of Alaska Press, 2004.
- LINDKVIST, Thomas. Introductory survey: Early political organisation. In: KNUT, Helle (Ed.). *The Cambridge History of Scandinavia*. Cambridge: Cambridge University Press; 2003. p. 160-7.
- \_\_\_\_\_. The emergence of Sweden. In: BRINK, Stefan; PRICE, Neil. *Op cit.* 2008, p. 668-674.
- \_\_\_\_\_. Kings and provinces in Sweden. In: KNUT, Helle. *Op. cit.* 2003, p. 221-34.

- MENINI, Vítor Bianconi. Moedas e cunhagem. In: LANGER, Johnni (org.) *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2018, pp. 507 – 511.
- \_\_\_\_\_. Suécia da Era Viking. In: LANGER, Johnni. *Op. cit.* 2018, pp.654 – 660.
- OLIVEIRA, Leandro Vilar. Birka. In: LANGER, Johnni (org.) *Op. cit.* 2018, pp. 104-105.
- \_\_\_\_\_. Comérico. In: LANGER, Johnni. *Op. cit.* 2018, pp. 149-153.
- \_\_\_\_\_. Sigtuna. In: LANGER, Johnni. *Op. cit.* 2018, pp. 638 – 641.
- \_\_\_\_\_. Urbanização. In: LANGER, Johnni. *Op. cit.* 2018, pp. 693-696.
- de OLIVEIRA, André Araújo. OLIVEIRA, André Araújo de. *Imaginário e identidade na conversão da Islândia*. Mestrado [HISTÓRIA], Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2015.
- PÁLSSON, Hermann. The Sámi People in Old Norse Literature. *Nordlit*, [s.l.], v. 3, n. 1, 1999, p. 29-53.
- RICHARDS, Julian D. *The Vikings: A very short introduction*. New York: Oxford University Press, 2005.
- ROS, Jonas. Sigtuna. In: BRINK, Stefan; PRICE, Neil *Op. cit.*, p. 140-144.
- SAWYER, Birgit & SAWYER, Peter. *Medieval Scandinavia: From Conversion to Reformation circa 800 – 1500*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 9ª impressão, 2013.
- SKRE, Dagfinn. Introduction survey: development of urbanism in Scandinavia. In: BRINK, Stefan; PRICE, Neil *Op. cit.*, p. 83-92.
- THEUWS, Frans, Exchange, religion, identity and central places in the Early Middle Ages, *Archaeological Dialogues*, Volume 10, Issue 2, 2004, pp. 121 - 138